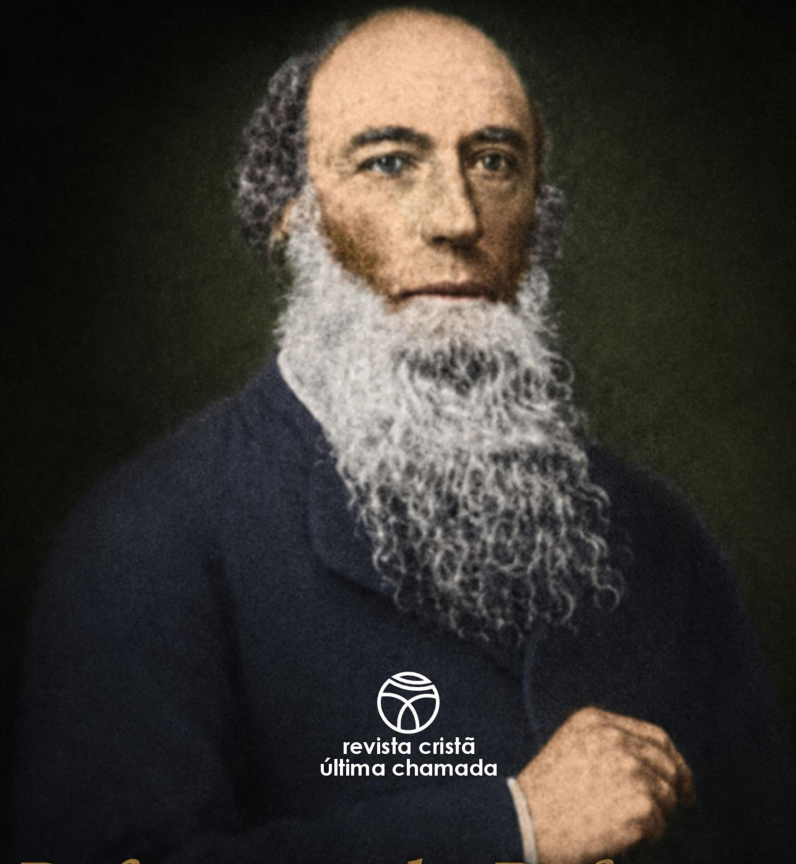


OBJEÇÕES AO LIVRO THE PAROUSIA




revista cristã
última chamada

Refutação da Refutação

CÉSAR FRANCISCO RAYMUNDO

O FIM DOS TEMPOS

COMO VOCÊ NUNCA OUVIU FALAR!

Nunca mais
seja enganado
sobre o Fim
dos Tempos!

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



ACESSE AGORA:

**WWW.
REVISTACRISTA
.ORG**

Conteúdo bíblico, relevante e transformador

Objecções ao Livro
THE PAROUSIA
Refutação da Refutação



César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Objecções ao Livro

THE PAROUSIA

Refutação da Refutação

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Outubro de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	
Pois nada podemos contra a verdade...	08
A Segunda Vinda já Passou?	12
O alerta de Vinet não prova uma nova interpretação	18
A presença invisível de Cristo e o argumento da probabilidade	20
Josefo não testemunha uma Parousia invisível	21
O salto para o desaparecimento dos cristãos	22
Onde está a ressurreição no sermão profético?	24
Não houve um “vazio” na história da Igreja depois de 70 d.C.	27
A hipótese que explica a própria ausência de evidência	30
A Segunda Vinda de Cristo e o Problema da Ressurreição em 70 d.C.	34
Conclusão	
A verdade não precisa de muletas	36
Obras importantes para pesquisa...	39

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução

Pois nada podemos contra a verdade...

“Pois nada podemos contra a verdade, mas somente a favor da verdade”.

- 2ª Coríntios 13:8

Um dos *modus operandi* da Esquerda política e ideológica é desqualificar, destruir e relativizar um legado gigantesco. É como aquelas mentiras que, em pouquíssimo tempo, conseguem desqualificar uma pessoa irrepreensível, alguém cujo legado foi construído sobre uma reputação incontestável. O mesmo fenômeno ocorre no mundo da religião, naquilo que chamo de esquerdismo religioso.

O processo é quase sempre o mesmo: o herege começa distorcendo as Escrituras — quando não as nega por inteiro. Depois, passa a questionar os Credos e as Confissões de Fé da Igreja, alegando que foram produzidos por homens falíveis. Por último, dois mil anos de história da Igreja, juntamente com milhões de obras, tratados, comentários e estudos bíblicos produzidos ao longo dos séculos, são simplesmente jogados para baixo do tapete, como se nada disso tivesse qualquer valor ou autoridade.

Esse é justamente o caso de James Stuart Russell, para não citar tantos outros. Russell entendia que libertar a interpretação das profecias das tradições estabelecidas seria uma extensão da luta pela

liberdade religiosa, permitindo que as Escrituras fossem examinadas por si mesmas, sem a imposição de sistemas teológicos ou eclesiásticos previamente definidos.¹

É justamente aqui que começa o problema. A interpretação de Russell parte de uma premissa que, na prática, serve como justificativa para romper com a Fé Cristã Ortodoxa e, ao mesmo tempo, lança uma grave dúvida sobre toda a tradição interpretativa que o precedeu.

Mas como fica, então, a obra do Espírito Santo em conduzir a Igreja a toda a verdade ao longo desses dois mil anos de Fé Cristã?

Os russelitas precisam responder a isso.

Jesus prometeu aos seus discípulos:

“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade”.

- João 16:13

A questão é inevitável: se a tese de Russell estiver correta, então a Igreja teria permanecido enganada durante aproximadamente dezenove séculos acerca de uma doutrina considerada essencial, até que James Stuart Russell surgisse para restaurar uma suposta verdade que teria sido perdida pela Igreja ao longo de toda a sua história.

E aqui está o ponto que não pode ser simplesmente varrido para debaixo do tapete: que tipo de promessa Cristo fez à Sua Igreja se,

¹ A PAROUSIA - Uma Investigação Crítica SOBRE A DOUTRINA DO NOVO TESTAMENTO DA SEGUNDA VINDA DE NOSSO SENHOR, pg. 543. JAMES STUART RUSSELL, M.A., D. Div. Londres. 1ª Edição. IBISTER & CO. 56. LUGATE HILL-1878. 2ª Edição T. FISHERUNWIN 26 PATERNOSTERSQUARE-1887. Tradução e publicação: Mateus Fonseca Souza. --1. ed. -- Cabo Frio, RJ: Mateus Fonseca Souza, 2026. Site: <https://arquivopreterista.blogspot.com/> Acessado dia 20/06/2026.

durante dezenove séculos, ela esteve fundamentalmente enganada sobre aquilo que Russell posteriormente teria descoberto?

Tal conclusão parece não apenas problemática, mas profundamente incompatível com a promessa de Cristo e com a contínua atuação do Espírito Santo na preservação, condução e instrução de Sua Igreja ao longo da história.

Se o Espírito da verdade realmente guia a Igreja “a toda a verdade”, então não é possível simplesmente descartar dois mil anos de testemunho cristão como se fosse fruto de ignorância coletiva, para depois colocar a interpretação de um homem do século XIX no lugar de toda essa tradição.

A questão, portanto, permanece de pé: Russell restaurou uma verdade perdida pela Igreja ou simplesmente rompeu com aquilo que a Igreja, sob a condução do Espírito Santo, havia recebido, confessado e transmitido durante séculos? Essa é uma pergunta que os russelitas precisam enfrentar de frente, e não contornar mediante a simples desqualificação de toda a tradição cristã anterior. Mas eles simplesmente não fazem isso.

No começo de agosto, publiquei uma obra intitulada *Resposta ao Livro The Parousia de James Stuart Russell*, na qual refuto os diversos pontos em que ele nega a Segunda Vinda de Cristo e a ressurreição como eventos ainda futuros. Para minha surpresa, o editor do livro de Russell no Brasil simplesmente preparou uma resposta à minha obra.

Ao invés de ficar aborrecido com a mentira, aproveitei a oportunidade para acompanhar a publicação de tais respostas, uma

por uma, conforme seriam publicadas no site² - o que não aconteceu. Foi apenas foi publicado um pequeno artigo intitulado *A Segunda Vinda já Passou?*³ escrito em 1892. E é encima desse artigo que será desenvolvido a *Refutação da Refutação*.

Uma vez que nada podemos contra a verdade, o editor de Russell no Brasil acabaria produzindo uma munição contra o livro *The Parousia* que nem o próprio Russell foi capaz de produzir. Russell deve estar se virando no tûmulo agora.

Uma situação que já havia sido pior para o livro *The Parousia* quando o refutei em minha obra anterior, agora se torna ainda pior quando me propus a fazer a *Refutação da Refutação*. Mas, na conclusão da obra anterior, eu já havia dito que faria isso caso houvesse algum atrevimento contra a Verdade de Deus.

Confesso que fiquei muito curioso e extremamente perplexo diante da possibilidade de saber como o editor de *The Parousia* no Brasil seria capaz de apresentar uma resposta substancial à minha refutação de acordo com às Escrituras.

Em face disso, nas próximas páginas, o leitor poderá notar como, quanto mais se tenta consertar uma mentira, mais a situação se torna incontornavelmente pior.

² Respondendo as Objeções ao livro *The Parousia*. Arquivo Preterista. Site: <https://arquivopreterista.blogspot.com/2026/08/respondendo-as-objeoes-ao-livro.html?view=timeslide> Acessado dia 18/08/2026

³ A SEGUNDA VINDA DE CRISTO JÁ PASSOU? POR UM CORRESPONDENTE. (Do West Yorkshire Pioneer, 16 de setembro de 1892.). Site: <https://arquivopreterista.blogspot.com/2026/09/a-segunda-vinda-de-cristo-ja-passou.html> Acessado dia 10/10/2026

A Segunda Vinda já Passou?

Antes de ler o texto a seguir, leia a seguir o artigo que será aqui refutado:

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO JÁ PASSOU? POR UM CORRESPONDENTE⁴

(Do West Yorkshire Pioneer, 16 de setembro de 1892.)

“Mesmo agora, depois de dezoito séculos de cristianismo, podemos estar envolvidos em algum erro gigantesco, do qual o cristianismo do futuro se envergonhará.”

Essas palavras do grande Vinet, de Lausanne, serão repetidas por muitos leitores da fascinante obra do Dr. Stuart Russell, “A Parousia”, livro publicado pelo Sr. Fisher Unwin e que, na opinião de alguns, apresenta a maior descoberta teológica da era cristã.

Todo estudante das Escrituras deve estar ciente da importância dada em todo o Novo Testamento ao tema da segunda vinda de nosso Senhor. O fato de que, nas Epístolas e no Apocalipse, esse acontecimento foi anunciado como algo destinado a ocorrer em um período que, naquela época, era — mas que, pela própria natureza do caso, hoje já não é — o futuro próximo, tem sido motivo de grande perplexidade para muitos cristãos.

⁴ Idem nº 3.

À custa de considerável prejuízo para a crença na autoridade divina e na inspiração dos apóstolos, essas

LIMITAÇÕES DE TEMPO

são geralmente ignoradas ou explicadas de outra maneira.

Mas, em “A Parousia”, o Dr. Russell demonstra claramente que, a menos que adotemos uma interpretação completamente injustificável — segundo a qual as palavras de Jesus não devem ser entendidas de acordo com o uso comum da linguagem cotidiana —, encontramos limitações de tempo precisamente semelhantes atribuídas à segunda vinda pelo próprio nosso Senhor ao longo dos quatro Evangelhos.

Esse sistema de interpretação coloca a teologia em descrédito, pois permite que se introduza nas Escrituras exatamente o significado que a imaginação ou o preconceito possam sugerir.

Não apenas duas ou três vezes (Mateus 10:23; 16:27,28; 24:34), mas muitas vezes, nosso Senhor insiste na proximidade de sua volta pessoal e visível para o julgamento, usando palavras de extraordinária clareza e profunda solenidade.

A ênfase, a repetição e a variedade de expressões pelas quais o mesmo significado é transmitido tornam certo, como questão de investigação histórica, que os registros dos Evangelhos representam fielmente o seu ensino sobre esse assunto.

Em “A Parousia”, o Dr. Russell demonstra, com uma lógica implacável, que em Mateus 24 não há uma palavra sequer sobre o fim do mundo. Como pode ser visto na margem da Versão Revisada, trata-se do fim da era — isto é, da então existente dispensação judaica — e da difusão do evangelho por todo o Império Romano, que constituía o “mundo” daqueles dias, que Cristo está falando.

Que a grande maioria das profecias registradas em Mateus 24 se cumpriu nos acontecimentos que precederam e acompanharam a destruição de Jerusalém em 70 d.C. é uma questão histórica — tanto que alguns críticos sustentam que esse discurso profético não é profecia de modo algum, mas deve ter sido escrito depois daquela data.

Mas, quando visto corretamente, o capítulo demonstra a presciência sobrenatural de Jesus Cristo, pois o cumprimento da grande maioria das profecias oferece uma garantia razoável de que todas elas seriam cumpridas, incluindo a profecia do versículo 30.

O Dr. Russell, portanto, sustenta corajosamente que

A SEGUNDA VINDA FOI REALIZADA

pela aparição pessoal e visível de Jesus sobre as nuvens do céu, no momento da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Assim, a dispensação judaica, que havia sido inaugurada em meio aos terrores do Sinai, chegou à sua consumação por meio de uma cena de grandeza e solenidade ainda mais terríveis.

E essa vinda de Cristo foi acompanhada pela transladação dos santos vivos de primeira ordem, pela ressurreição e por um solene julgamento, principalmente de natureza judaica.

O silêncio da história a respeito desses acontecimentos deve ser explicado lembrando que, aparentemente, em todos os tempos foi essencial que se abrisse no observador um sentido espiritual especial para que ele pudesse perceber o corpo da ressurreição de Cristo e outras realidades verdadeiras e objetivas pertencentes à esfera espiritual.

No Novo Testamento, a segunda vinda recebe um alcance muito mais restrito do que normalmente se supõe.

Aqueles para quem esse acontecimento traria livramento e descanso, por serem arrebatados para encontrar o Senhor nos ares, eram os poucos crentes fiéis de primeira ordem que, naquele período de triste apostasia que, segundo as profecias, acompanharia o fim da era judaica, ainda aguardavam e desejavam ardentemente o retorno de seu Senhor.

Aqueles para quem esse acontecimento traria juízo e destruição não eram as massas ignorantes do mundo gentílico, mas principalmente os judeus, os inimigos declarados e assumidos da cruz de Cristo — os próprios assassinos do Salvador e os cruéis perseguidores de seus seguidores inocentes.

Se Jesus apareceu sobre as nuvens do céu em 70 d.C., ambos esses grupos da humanidade o viram; pois ambos estavam intimamente envolvidos em sua aparição. Contudo, ambos imediatamente desapareceram da terra e, portanto, não puderam deixar qualquer registro do que havia acontecido.

Os soldados romanos que estavam em Jerusalém em 70 d.C. não eram nem amigos firmes nem inimigos obstinados de Jesus. Por isso, como não estavam envolvidos com sua aparição, provavelmente

NÃO TIVERAM CONSCIÊNCIA DE SUA PRESENÇA,

embora essa presença fosse real e objetiva.

Assim, eles se assemelhavam aos companheiros de Saulo em sua viagem para Damasco (Atos 9:7), que, por não estarem envolvidos na aparição de Cristo naquela ocasião, ouviram uma voz, mas não viram ninguém.

Em todo o mundo, a segunda vinda pode ter trazido juízo e destruição aos inimigos da fé, pois Josefo relata que a eclosão da guerra na Palestina foi o sinal para o massacre de judeus em toda parte.

Em todo o mundo, os poucos cristãos fiéis de primeira ordem podem ter sido trasladados, desaparecendo repentinamente de suas casas e de seus locais de trabalho, de acordo com a declaração expressa de Jesus em Mateus 24:34, 40, 41, de que isso aconteceria antes que passasse a geração de pessoas à qual Ele falava.

A história da Igreja durante muitos anos depois de 70 d.C. é um completo vazio. E esses cristãos fiéis, sendo relativamente poucos e ocupando, em sua maioria, posições muito humildes e pouco conhecidas na sociedade, seu desaparecimento provavelmente não seria registrado pelo historiador secular, especialmente naquela época de grande agitação.

Como exemplo de uma exposição magistral, A Parousia possui um valor excepcional. Talvez a parte mais fascinante do livro seja o tratamento que o Dr. Russell dá ao Apocalipse, com os muitos paralelos impressionantes que ele cita do historiador Josefo. Por outro lado, arriscamo-nos a pensar que a obra apresenta algumas falhas graves. O autor parece ter pouca consciência dos muitos resultados de extraordinário interesse e importância que decorrem da grande verdade que ele fez tanto para estabelecer, e faz pouca ou nenhuma tentativa de responder à pergunta: “Se esta interpretação da questão é verdadeira, onde estamos nós agora?” [Comentário: Na verdade, embora ele tenha feito pouco para responder essa pergunta, o que ele fez foi suficiente; parece muito claro que Russell quis deixar que outros pudessem continuar seu trabalho.] E muitos que aceitam com alegria seu argumento principal lamentarão profundamente que, embora ele creia em uma retribuição futura, ainda assim deixe de reconhecer aquelas claras e enfáticas previsões de uma ressurreição mundial e de um julgamento mundial ainda por vir, que podem ser

encontradas em João 5:29 e Apocalipse 20:12. Compare 1 Coríntios 15:24, onde, no grego, a palavra traduzida por “então” é a mesma que “depois” no versículo anterior e, como em Marcos 4:28, indica um intervalo de tempo. [Comentário: Russell não deixa de "reconhecer aquelas claras e enfáticas previsões", ele apenas aplica de forma diferente.]

Fonte:

<https://archive.org/details/ischristsecondad157engl>

O alerta de Vinet não prova uma nova interpretação

“Mesmo agora, depois de dezoito séculos de cristianismo, podemos estar envolvidos em algum erro gigantesco, do qual o cristianismo do futuro se envergonhará”.

Vinet, de Lausanne

Essas palavras do grande Vinet, de Lausanne, são usadas como uma espécie de advertência para que não tenhamos medo de questionar aquilo que o Cristianismo historicamente ensinou. Até aqui, tudo bem. Devemos realmente estar dispostos a examinar nossas crenças à luz das Escrituras e reconhecer nossos erros quando eles existem.

Mas existe um problema quando uma frase como essa é usada para preparar o leitor para aceitar como provável uma conclusão que depois precisa ser demonstrada. O fato de a Igreja poder estar errada em alguma questão não significa que uma interpretação alternativa esteja automaticamente certa. Podemos questionar uma tradição sem transformar nossa hipótese em fato.

É exatamente isso que percebo nesse argumento em defesa da tese de J. Stuart Russell sobre um suposto arrebatamento dos santos em 70 d.C. Precisamos separar aquilo que a Bíblia realmente afirma daquilo que está sendo construído por meio de inferências falsas, possibilidades e especulações.

Uma coisa é demonstrar biblicamente que a Parousia estava relacionada aos acontecimentos do primeiro século. Outra, bem

diferente, é demonstrar que houve um arrebatamento físico e invisível dos santos em 70 d.C.

A presença invisível de Cristo e o argumento da probabilidade

Quando o autor afirma que os soldados romanos provavelmente não tiveram consciência da presença de Cristo, embora essa presença fosse real e objetiva, já entramos no campo da especulação. A palavra “provavelmente” revela isso. Não existe evidência histórica apresentada de que Cristo estivesse objetivamente presente em Jerusalém em 70 d.C. de maneira invisível, nem de que os soldados não o perceberam. Cria-se uma hipótese para explicar justamente a ausência de testemunhas. Mas a ausência de percepção dos soldados não prova a presença invisível de Cristo. É perfeitamente possível imaginar uma presença que ninguém percebeu, mas isso não constitui evidência de que ela realmente aconteceu. A comparação com os companheiros de Saulo em Atos 9:7 também não resolve o problema.

É verdade que o texto relata que eles ouviram a voz, mas não viram ninguém. Entretanto, o texto está descrevendo aquele acontecimento específico. Não existe no texto uma regra dizendo que, quando Cristo aparece, aqueles que não estão diretamente envolvidos na aparição necessariamente deixam de percebê-lo. Transformar Atos 9:7 em um modelo para explicar por que os soldados romanos não teriam visto Cristo é uma inferência que vai além do que Lucas afirma.

Josefo não testemunha uma Parousia invisível

O mesmo problema aparece quando o autor diz que, em todo o mundo, a Segunda Vinda pode ter trazido juízo e destruição aos inimigos da fé. Josefo realmente relata os massacres e a grande perturbação provocada pela guerra judaica, inclusive acontecimentos envolvendo judeus em diferentes regiões. Porém, existe uma grande diferença entre afirmar que Josefo registra acontecimentos relacionados à guerra e afirmar que esses acontecimentos foram o juízo mundial produzido pela Segunda Vinda de Cristo.

A primeira afirmação pertence à história; a segunda é uma interpretação teológica desses acontecimentos. Josefo não é apresentado como testemunha de uma Parousia invisível de Cristo.

O salto para o desaparecimento dos cristãos

Mas o salto maior ocorre quando o autor afirma que os cristãos fiéis podem ter sido transladados, desaparecendo repentinamente de suas casas e locais de trabalho. Aqui temos uma sequência inteira de hipóteses: que existia um grupo específico de cristãos fiéis, que esse grupo era relativamente pequeno, que essas pessoas foram fisicamente transladadas, que desapareceram repentinamente, que isso ocorreu em 70 d.C. e que esse acontecimento foi o cumprimento de Mateus 24:40-41.

Nenhum desses elementos é demonstrado historicamente pelo artigo.

É importante também ter cuidado com a afirmação de que Jesus fez uma “declaração expressa” de que isso aconteceria em Mateus 24:34, 40 e 41. Mateus 24:34 realmente é uma passagem muito importante para o Preterismo Parcial, pois Jesus afirma que aquela geração não passaria sem que “todas estas coisas” acontecessem. Entretanto, Mateus 24:40-41 não diz que alguém seria “arrebatado”. O texto diz que um seria tomado e outro deixado.

“Ser tomado” significa necessariamente ser arrebatado? Ser tomado não é ser arrebatado.

Pelo menos não podemos afirmar isso simplesmente porque usamos a palavra “tomado”. Precisamos olhar o contexto. E o contexto favorece uma interpretação bastante diferente. O Senhor

Jesus havia acabado de comparar sua vinda aos dias de Noé: “veio o dilúvio e levou a todos” (Mateus 24:39). Aqueles que foram “levados” foram justamente os atingidos pelo juízo, enquanto Noé e os que estavam com ele permaneceram e escaparam daquele juízo. É essa imagem que devemos ter em mente quando chegamos a Mateus 24:40-41: “um será tomado, e deixado o outro”.

Portanto, o contexto favorece entender que aquele que é “tomado” é aquele que é levado pelo juízo, enquanto aquele que permanece é o que escapa dele. Isso significa que não podemos simplesmente pegar a expressão “ser tomado” e transformá-la em sinônimo de “ser arrebatado ao céu”. Na verdade, o contexto de Noé aponta justamente na direção contrária: os que são tomados são os atingidos pelo juízo; os que permanecem são os preservados.

Onde está a ressurreição no sermão profético?

Há ainda um ponto que considero particularmente significativo — e aqui quero colocar bastante ênfase: é muito curioso que não exista nenhuma menção direta, nem mesmo uma referência claramente identificável à ressurreição dos mortos, no chamado sermão profético de Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Isso é muito importante quando se pretende afirmar que a Parousia descrita nesses capítulos teria incluído um arrebatamento físico dos santos em 70 d.C.

Se realmente estamos diante de um acontecimento no qual os santos foram fisicamente retirados da terra, e se esse arrebatamento estaria associado à ressurreição e transformação dos crentes, seria de esperar que os discursos proféticos de Jesus apresentassem alguma indicação clara desse acontecimento. Entretanto, quando examinamos Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, encontramos advertências sobre falsos cristos, guerras, perseguições, tribulações, a destruição de Jerusalém, a vinda do Filho do Homem, sinais nos céus e a reunião dos eleitos.

Mas onde está a ressurreição dos mortos?

Onde está a ressurreição em Mateus 24? Onde está a ressurreição em Marcos 13? Onde está a ressurreição em Lucas 21?

Não encontramos ali uma afirmação explícita de que os mortos seriam ressuscitados naquele momento.

E isso precisa ser levado muito a sério.

Não estou dizendo que a ausência de uma palavra específica, isoladamente, seja suficiente para provar que determinado acontecimento não poderia ter ocorrido. O argumento é outro: quanto mais extraordinária é a conclusão que se pretende extrair de um texto, mais importante se torna demonstrar que o próprio texto realmente a ensina.

E aqui temos uma situação bastante peculiar.

O argumento começa com a afirmação correta de que Jesus estava falando de acontecimentos relacionados àquela geração. Depois identifica a Parousia com os acontecimentos de 70 d.C. Até aí, estamos dentro de uma discussão preterista legítima.

Mas, posteriormente, acrescenta-se uma ressurreição implícita, um arrebatamento físico, o desaparecimento dos santos e uma translação invisível dos crentes — embora os três relatos do sermão profético não apresentem claramente esses elementos.

Por isso, precisamos ter cuidado para não colocar dentro do sermão profético aquilo que o próprio sermão não afirma.

Uma coisa é dizer que Mateus 24:31 fala da reunião dos eleitos. Outra coisa é transformar essa reunião em uma ressurreição física seguida de desaparecimento dos santos.

Uma coisa é dizer que Mateus 24:40-41 afirma que um será tomado e outro deixado. Outra coisa é transformar o verbo “tomado” em uma descrição técnica de arrebatamento.

O texto precisa carregar o peso da conclusão, e não a conclusão ser colocada dentro do texto.

E existe aqui uma diferença metodológica fundamental.

Se alguém sustenta que a ressurreição e o arrebatamento estão implícitos nesses capítulos, precisa demonstrar isso a partir do contexto e da linguagem dos próprios capítulos. Não basta afirmar que esses acontecimentos poderiam estar incluídos na Parousia.

Possibilidade não é demonstração.

Aliás, a ausência de uma referência clara à ressurreição torna ainda mais problemática a tentativa de transformar Mateus 24:40-41 na principal evidência de um arrebatamento em 70 d.C.

O texto simplesmente não diz: “uns serão ressuscitados e arrebatados ao céu, enquanto outros permanecerão na terra”. Essa informação precisa ser introduzida por uma interpretação posterior.

Portanto, temos uma pergunta inevitável: se Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 estão descrevendo os acontecimentos associados à Parousia, por que nenhum dos três relatos menciona claramente a ressurreição dos mortos?

Essa pergunta não destrói sozinha toda interpretação preterista de Mateus 24. Mas ela coloca um obstáculo sério diante da tentativa de identificar a Parousia de 70 d.C. com uma suposta ressurreição seguida de arrebatamento físico dos santos.

Não houve um “vazio” na história da Igreja depois de 70 d.C.

Depois aparece outro argumento bastante problemático:

“A história da Igreja durante muitos anos depois de 70 d.C. é um completo vazio”.

Isso não corresponde à realidade documental.

Não existe um vazio completo na história da Igreja depois de 70 d.C. Pelo contrário, temos uma quantidade significativa de literatura judaica e cristã produzida entre o final do primeiro século e a primeira metade do segundo.

Flávio Josefo concluiu aproximadamente entre 75 e 79 d.C. sua obra Guerra dos Judeus, uma das fontes mais importantes sobre a guerra e a destruição de Jerusalém. Posteriormente, escreveu Antiguidades Judaicas, por volta de 93-94 d.C.

Clemente de Roma produziu sua Primeira Epístola aos Coríntios, geralmente datada de aproximadamente 95-97 d.C.

No início do segundo século temos as cartas de Inácio de Antioquia, geralmente situadas por volta de 110-117 d.C., e a Carta aos Filipenses, de Policarpo, cuja data é discutida, mas que pertence ao início ou à primeira metade do século II.

Também temos a Didachê, a Epístola de Barnabé, o Pastor de Hermas, os escritos associados a Papias de Hierápolis, a Apologia de Aristides, além das obras de Justino Mártir, como o Diálogo com Trifão e as Apologias.

Algumas dessas datas são discutidas pelos estudiosos, mas todas elas mostram que não estamos diante de um completo silêncio documental depois de 70 d.C.

Onde está o testemunho cristão do arrebatamento? E isso é importante para a questão do arrebatamento.

O problema não é simplesmente perguntar:

“Por que nenhum historiador romano registrou o arrebatamento?”

A questão é muito mais ampla: por que a própria literatura cristã posterior a 70 d.C. não preserva um testemunho claro de que os cristãos haviam desaparecido fisicamente da terra por causa de um arrebatamento ocorrido naquele ano?

Temos autores cristãos escrevendo apenas algumas décadas depois da destruição de Jerusalém e, posteriormente, escritores que ainda estavam muito próximos da geração apostólica.

Se em 70 d.C. tivesse ocorrido um evento extraordinário no qual os santos foram fisicamente retirados da terra, seria razoável esperar algum vestígio dessa memória na literatura cristã posterior.

Não estou dizendo que a ausência desse registro, por si só, prove que o arrebatamento não aconteceu. Isso seria cometer o mesmo erro do outro lado.

Mas essa ausência certamente impede que alguém trate o arrebatamento como um fato historicamente demonstrado.

A hipótese que explica a própria ausência de evidência

O argumento fica ainda mais frágil quando se afirma que o desaparecimento provavelmente não foi registrado porque esses cristãos eram poucos, humildes e pouco conhecidos. Nesse caso, cria-se uma explicação para a própria ausência de evidências: não temos registros porque eles eram insignificantes. Mas isso não demonstra o acontecimento; apenas torna a hipótese compatível com a falta de evidência.

Se alguém perguntar onde estão os registros históricos do arrebatamento, sempre será possível responder que justamente por terem sido poucos e humildes ninguém registrou. Dessa maneira, a hipótese se torna praticamente impossível de ser confrontada historicamente. Qualquer ausência de evidência pode ser explicada pela própria hipótese. Isso não é demonstração histórica; é uma conjectura criada para preencher uma lacuna documental.

É importante, portanto, fazer uma distinção.

Não podemos afirmar que a ausência de documentação prova que não houve arrebatamento. Mas também não podemos afirmar que houve arrebatamento simplesmente porque conseguimos imaginar uma explicação para a ausência de registros.

A evidência histórica permite dizer que não temos um testemunho claro, contemporâneo ou próximo dos acontecimentos, afirmando

que os santos foram fisicamente arrebatados e desapareceram em 70 d.C.

A partir daí, qualquer tentativa de explicar por que ninguém registrou o acontecimento precisa ser reconhecida como hipótese.

O grande salto da tese de Russell

Portanto, é possível defender biblicamente que “esta geração” aponta para os contemporâneos de Jesus e que grande parte das profecias de Mateus 24 encontra seu cumprimento na destruição de Jerusalém. Isso é uma discussão séria e legítima. Também é possível defender que determinados textos sobre a Parousia possuem cumprimento no primeiro século.

Mas daí até afirmar que houve um arrebatamento físico e invisível dos cristãos em 70 d.C. existe um grande salto.

No final, o argumento não demonstra historicamente que o arrebatamento aconteceu. Ele apenas constrói uma explicação possível para a ausência de evidências: Cristo apareceu invisivelmente, os romanos não perceberam, os santos desapareceram, os historiadores não registraram e, como eram poucos e humildes, seu desaparecimento passou despercebido.

Tudo isso pode ser imaginado, mas imaginar uma sequência de acontecimentos possíveis não é o mesmo que demonstrá-los. É justamente aqui que a tese de Russell precisa ser examinada com cuidado. Uma coisa é dizer que determinado acontecimento é compatível com uma interpretação preterista; outra é afirmar que o acontecimento realmente ocorreu. A interpretação pode ser possível sem que a conclusão histórica esteja comprovada.

E quando a demonstração depende cada vez mais de expressões como “provavelmente”, “pode ter acontecido”, “não foram percebidos”, “desapareceram”, “não foi registrado porque eram poucos” e outras explicações destinadas a preencher aquilo que a Bíblia e a história não dizem, estamos deixando o terreno da demonstração e entrando no terreno da especulação.

O problema, portanto, não é que o arrebatamento em 70 d.C. seja logicamente impossível. O problema é que a tese não conseguiu demonstrá-lo. Ela precisa preencher com hipóteses aquilo que não encontra nem no texto bíblico de Mateus 24:40-41, nem nos relatos paralelos de Marcos 13 e Lucas 21, nem na documentação histórica posterior a 70 d.C.

E uma possibilidade construída sobre sucessivas hipóteses não pode ser apresentada como fato histórico comprovado.

A Segunda Vinda de Cristo e o Problema da Ressurreição em 70 d.C.

Há ainda um problema teológico que essa interpretação precisa enfrentar: como explicar a promessa de Jesus para todo aquele que nele crer? Em João 6, Jesus afirma repetidamente que aquele que crê nele terá a vida eterna e será ressuscitado “no último dia” (João 6:40, 44, 54).

Isso não pode ser simplesmente transferido para o ano 70 d.C. sem alterar o sentido da promessa. O número dos eleitos de Deus não se completou no primeiro século. Depois de 70 d.C., milhões de pessoas continuaram nascendo, crendo em Cristo e recebendo a promessa da vida eterna. E, enquanto Deus continuar chamando seus eleitos à fé em Cristo ao longo da história, ainda haverá pessoas para as quais permanece a promessa: “eu o ressuscitarei no último dia”.

Portanto, se o último dia já tivesse ocorrido definitivamente em 70 d.C., seria necessário explicar como os que nasceram depois de 70 d.C. e creram em Cristo participariam dessa promessa. Não basta dizer que determinadas profecias foram cumpridas naquela geração. É preciso também preservar a integridade das promessas feitas por Jesus a todos os que nele creem.

O problema é que a tese de um arrebatamento em 70 d.C. não consegue explicar satisfatoriamente essa dimensão da promessa. Ela olha para a geração do primeiro século e para os acontecimentos da destruição de Jerusalém, mas precisa responder ao fato de que a

Igreja continuou existindo, novos crentes continuaram sendo acrescentados e a promessa da ressurreição continuou sendo anunciada aos que ainda nasceriam.

Por isso, existe uma diferença fundamental entre afirmar que grande parte das profecias de Mateus 24 encontrou cumprimento no primeiro século e afirmar que todas as expectativas escatológicas foram encerradas em 70 d.C. A primeira afirmação pode ser sustentada pelo contexto; a segunda entra em conflito com a promessa de Jesus sobre a ressurreição no último dia.

Enquanto a história continuar e Deus continuar trazendo pessoas à fé em Cristo, a promessa permanece diante da Igreja: “eu o ressuscitarei no último dia”. O último dia, portanto, não pode ser simplesmente reduzido ao ano 70 d.C.

Conclusão

A verdade não precisa de muletas

Chegamos ao final desta refutação, e o resultado é bastante revelador: os defensores da tese de James Stuart Russell não conseguiram demonstrar que houve um arrebatamento físico e invisível dos santos em 70 d.C. O que deveria ser provado acaba sendo sustentado por uma sucessão de conjecturas: Cristo teria aparecido invisivelmente, os santos teriam desaparecido sem deixar registros e ninguém teria percebido o acontecimento. Mas, afinal, onde estão as provas? Onde está a declaração bíblica que afirma expressamente que esse arrebatamento ocorreu naquele ano?

É justamente aqui que os russelitas tropeçam. Confundem aquilo que poderia ter acontecido com aquilo que realmente aconteceu. Uma hipótese não se transforma em verdade simplesmente porque seu defensor consegue imaginar explicações para todas as evidências que faltam. Se os documentos históricos não registram o suposto desaparecimento dos santos, não basta inventar uma justificativa para explicar esse silêncio. Isso não é demonstração; é uma tentativa de salvar uma teoria a qualquer custo.

Mateus 24:40-41 não declara que os cristãos foram arrebatados ao céu em 70 d.C. O contexto dos dias de Noé, ao contrário, exige que examinemos cuidadosamente quem é tomado e quem permanece. Tampouco encontramos, nos relatos paralelos de Marcos 13 e Lucas 21, uma declaração explícita de que os mortos foram ressuscitados e os santos fisicamente retirados da terra naquela ocasião. Por que, então, insistir em encontrar nesses textos aquilo que eles não afirmam

claramente? O texto bíblico deve governar a interpretação, e não ser obrigado a servir de testemunha de uma teoria previamente estabelecida.

Existe ainda um problema que os russelitas não podem ignorar: Jesus prometeu ressuscitar os que creem nele no último dia (João 6:40, 44, 54). Como essa promessa poderia ter sido definitivamente encerrada em 70 d.C., se a história continuou, novas pessoas nasceram e milhões vieram à fé em Cristo depois daquele período? Não basta encaixar algumas profecias na destruição de Jerusalém e declarar encerrada toda a esperança escatológica da Igreja. Uma interpretação precisa dar conta do conjunto das Escrituras, e não apenas dos textos que parecem favorecê-la.

Também não podemos aceitar a ideia de que toda a Igreja permaneceu enganada durante séculos até que James Stuart Russell surgisse no século XIX com uma suposta chave para desvendar aquilo que ninguém antes dele teria compreendido corretamente. É claro que a tradição cristã deve ser examinada à luz das Escrituras. Mas isso não significa que qualquer intérprete moderno possa desprezar dois mil anos de testemunho cristão e imaginar que descobriu sozinho uma verdade perdida por todas as gerações anteriores.

Os russelitas precisam entender uma coisa elementar: refutar uma interpretação tradicional não é o mesmo que provar a interpretação de Russell. Questionar não é demonstrar; especular não é provar; repetir uma hipótese não a transforma em fato. Se a tese do arrebatamento em 70 d.C. depende de tantos acontecimentos que precisam ser imaginados, mas que não são claramente demonstrados pela Bíblia nem pela história, então o problema não está na falta de explicações dos críticos, mas na fragilidade da própria tese.

A verdade não precisa de muletas especulativas para permanecer de pé. Quem afirma que um acontecimento extraordinário ocorreu tem

o dever de apresentar provas proporcionais à grandeza de sua afirmação. Não pode exigir que os outros aceitem uma conclusão apenas porque ela foi revestida de linguagem bíblica ou apresentada como uma descoberta revolucionária.

Encerro, portanto, com as palavras do apóstolo Paulo:

“Pois nada podemos contra a verdade, mas somente a favor da verdade”.

- 2ª Coríntios 13:8

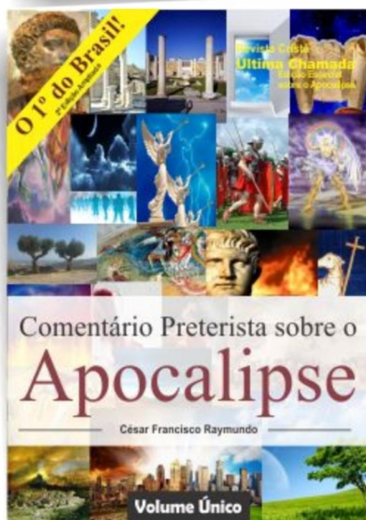
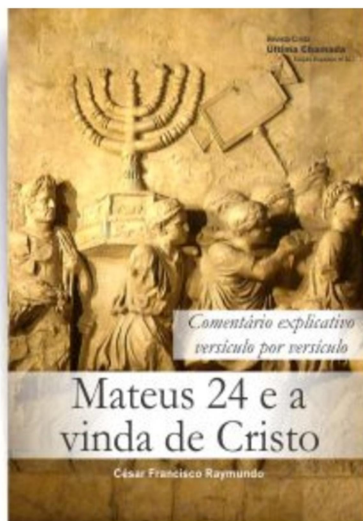
Não importa quantas tentativas sejam feitas para salvar a tese de Russell: se ela não resiste ao exame das Escrituras e das evidências, não serão novas conjecturas que a transformarão em verdade. Meu compromisso não é com James Stuart Russell, com seus seguidores ou com qualquer sistema escatológico humano. Meu compromisso é com a Palavra de Deus.

Os russelitas podem continuar defendendo Russell, mas não podem exigir que suas hipóteses sejam tratadas como verdades bíblicas comprovadas. A verdade não se curva aos sistemas dos homens. E, quando uma teoria precisa de tantas suposições para sobreviver, talvez já seja hora de perguntar se não é a própria teoria que precisa ser abandonada.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?